

Relatório da Vª Consulta Internacional Anglicana de Liturgia

Dublin, Irlanda - 6 a 12 de Agosto de 1995

1. Introdução

Cerca de 85 liturgistas anglicanos: bispos, clérigos e leigos de 20 Províncias e Regiões da Comunhão Anglicana reuniram-se na Faculdade de Educação da Igreja da Irlanda, em Dublin, de 6 a 12 de agosto de 1995, para estudar e refletir aspectos relacionados com a "Santa Eucaristia". O Rev. David Holeyton (Canadá), Coordenador da Consulta, deu as boas vindas a todos os participantes de vários países representados da Comunhão Anglicana: Austrália, Brasil, Canadá, Cuba, Inglaterra, Alemanha, Irlanda, Quênia, Nova Zelândia, Nigéria, Escócia, Ilhas Salomão, África do Sul, Sudão, Estados Unidos, Tanzânia, Gales, África Ocidental, Zaire e Zimbábue.

O Revmo. Bispo Edward Darling saudou os membros da Consulta em nome da Igreja da Irlanda. O Con. John Peterson, Secretário Geral do Conselho Consultivo Anglicano, também falou a todos, em nome do Arcebispo de Cantuária, e leu a carta do mesmo remetida ao coordenador.

Agradeceu à Igreja da Irlanda por sua hospitalidade e assegurou à Consulta o apoio que estão recebendo das mais variadas partes da Comunhão Anglicana. Em seguida, os membros da Consulta dividiram-se em cinco (05) pequenos grupos, para formular suas expectativas e organizarem-se para os trabalhos dos próximos dias. Também foram apresentados os Coordenadores e Secretários dos Grupos de Estudo.

2. Relatórios

No início da sessão plenária do primeiro dia, foram ouvidos relatórios provinciais e outros, a respeito do andamento dos trabalhos de suas comissões locais de Liturgia, em especial as revisões do Livro de Oração Comum e produção crescente de inúmeros materiais litúrgicos alternativos ao LOC.

Pode-se constatar uma grande produção em termos de novos Livros de Oração, cada vez mais inculturados, e não mais simples traduções e/ou cópias dos existentes. Também destaca-se uma crescente fertilidade na produção de inúmeros materiais litúrgicos locais: Ofícios Diários, Liturgias da Palavra, Intercessões, Ritos Eucarísticos, Ofícios Pastorais, Liturgia para Catecúmenos e Ritos de Iniciação Cristã, bem como a produção de inúmeros Hinários, cada vez mais com acréscimos de hinos locais, contemporâneos e canções.

Neste período surgiram vários livros com material litúrgico alternativo para ser usado junto com o LOC. Gostaria de destacar o produzido pela Comissão de Liturgia da Igreja da Inglaterra chamado "Patterns for Worship", Church House Publishing, Londres, 1995.

Pode-se notar nos vários textos litúrgicos o uso cada vez maior de linguagem inclusiva e simples. Também a produção de textos litúrgicos bilíngues em regiões multiculturais. O exemplo clássico é o belíssimo LOC da Nova Zelândia.

O Rev. Paul Gibson, Coordenador de Liturgia do Conselho Consultivo Anglicano (ACC) apresenta um breve relatório de seu trabalho, informando receber regularmente das Províncias do mundo inteiro relatórios, informes e material litúrgico produzido. Também informa notícias a respeito de consultas, reuniões, seminários ou qualquer acontecimento relacionado com Liturgia.

3. Palestra de Abertura

O Rev. Louis Weil, professor de Liturgia da Escola de Teologia da Igreja do Pacífico, Berkeley, Califórnia, EUA, autor do conhecido livro "Liturgy for Living", editado pela Seabury Press, EUA, falou sobre o tema "Algumas preocupações da Igreja sobre a Santa Eucaristia no século XXI". Afirmou que nos últimos 25 anos, o panorama da liturgia mudou enormemente, tendo em vista os antigos paradigmas com que trabalharam os liturgistas. Algo novo nasceu. Estamos num processo acelerado de mudança. As perguntas que temos de fazer são: "Quais as forças essenciais da tradição cristã e que formas elas irão tomar daqui adiante?". Há 20

anos atrás, não iríamos além dos detalhes das revisões do Livro de Oração como o grande tema da renovação litúrgica. O Rev. Massey Sheperd Jr., falecido liturgista norte-americano, em palestra no Trinity College, Dublin, em 1969, colocou a agenda litúrgica num campo mais amplo. Ele descreveu a atitude comum em relação aos textos tradicionais como “romântica, nostálgica e, às vezes, ridícula”.

Nota-se que hoje se tem dado uma atenção bem destacada ao Santo Batismo, com evidências de uma mudança dramática na consciência da Igreja a este respeito. O Batismo, na forma em que era celebrado, era muito negligenciado pela Igreja. Hoje podemos afirmar que há uma “Eclesiologia Batismal”, uma compreensão mais séria da Igreja em relação ao Batismo. O Batismo nos une a Cristo e uns aos outros. Na medida em que a Igreja se vê formada por sua identidade batismal, teremos conseqüências para a celebração da Santa Eucaristia.

É toda a Igreja congregada que celebra a Eucaristia e sua significação plena é mais do que uma ação com pão e vinho. Toda a assembléia, em sua ação como um todo, é o sinal primordial do sacerdócio de Jesus Cristo. Todos os ministérios, particulares ou especializados, derivam do ministério da assembléia. Os sacramentos são ações realizadas por toda a assembléia, usando vários carismas individuais de liderança. A ação social, a proclamação das Escrituras, a Catequese, etc, são todas atividades da assembléia. A Oração Eucarística vai encontrar o seu lugar dentro deste contexto.

Os Anglicanos têm, como norma, olhado a oração eucarística como um todo e acabaram concluindo ser ela como que uma proclamação viva da fé da Igreja. Mas será que nesta redescoberta da oração, não paramos por aí, e falhamos em não vê-la dentro da estrutura maior de toda a celebração?

Será que não estamos fazendo com que a oração eucarística ocupe um lugar tão grande, em toda a ação eucarística? O peso verbal das orações eucarísticas, medievais e mais recentes, sugerem que a oração presidencial contém todo o significado, e determinou a nossa concepção de que a oração eucarística não pode ser estruturada de forma diferente. Como poderemos recuperar o sentido da celebração eucarística como um todo perfeitamente integrado?

Nos últimos séculos, os estudos exaustivos das orações eucarísticas têm sido combinados com o estudo no campo da liturgia e da cultura. O estudo sério da inculturação ampliou-se ainda mais, devido a sua importância. A discussão sobre inculturação e indigenização, muitas vezes, inicia pela compreensão dos pressupostos monolíticos culturais de nossa liturgia e a necessidade de nos abirmos à uma realidade mais ampla e variada. Os nossos modelos clássicos foram, não somente, colocados em formas textuais, mas foram também submetidos ao filtro do controle clerical, e em especial, de suas revisões. Na perspectiva de uma Eclesiologia Batismal, será necessário um novo modelo e um novo processo, a partir de agora. Os novos ritos precisam emergir, não da mera revisão e re-arranjo dos antigos textos, mas da fé e da vida de nossa comunidade. Nossa prática tem se fundamentado no princípio de que a “segurança”, a “garantia” está no passado, mas a nossa confiança no Espírito Santo nos ensinará que a “garantia” está no futuro.

O prof^o. Louis Weil disse que poderia transparecer de suas colocações, que ele apoia a presidência leiga na Eucaristia. Mas ele afirmou que deseja examinar esta matéria numa perspectiva pastoral mais ampla. A presidência leiga não é uma resposta à separação dos ministros ordenados numa categoria supra-humana e num clericalismo que daí decorre. O relacionamento de um Presbítero Ordenado e de um Bispo com a presidência da Eucaristia vem de um contexto diferente, muito antigo, na compreensão que a Igreja tem da ordenação. A presidência leiga pode criar uma segunda camada de clericalismo, que em absoluto é uma solução.

Donde procede a associação do ministro ordenado com a presidência da Eucaristia? Não estamos preocupados com a questão de “poder”. O contexto mais amplo está estruturado pela consciência de que a assembléia de todos os batizados celebra o rito. O papel da presidência não procede de um poder especial, mas de Deus, que concede dons para a liderança pastoral. A comunidade chama, por meio da ordenação, àquelas pessoas nas quais estes dons foram percebidos e nutridos. O modelo clericalista é minimalista, com uma relação não explícita com o cuidado pastoral. Não exige do líder ser membro da assembléia. Entretanto, se os dons de liderança são visíveis em um leigo ou leiga, porque então eles não são reconhecidos por meio

da imposição das mãos com oração (Ordenação)? A Oração Eucarística é uma Oração da igreja e não uma expressão de “poder sobre”.

O modelo clássico de preparação para o ministério é na verdade descontextualizado. Na Diocese de Michigan Setentrional, surgiu um novo modelo. Uma congregação encontra-se lutando para pagar sua parte no salário do Ministro, pagar suas dívidas e ainda sua cota (mínima) diocesana.

A paróquia agora tem dois ministros (Presbíteros), dois diáconos, cinco pregadores e vários outros líderes, capazes de atender a todas as suas despesas e ainda contribuir para a expansão. Mais de um terço das congregações na diocese, atualmente, adotaram este modelo. Em resumo, candidatos locais que demonstram carismas para a liderança, são treinados como uma equipe, para ministrar em suas paróquias. Sob a liderança do Bispo, um programa intensivo, de não menos de dois anos, prepara o povo em suas diversas áreas de atuação. O ministério, como um todo, é partilhado, segundo os dons que cada um possui. Há um rito especial que envolve a renovação dos Votos Batismais da congregação, comprometendo e comissionando toda a congregação em seu ministério, e também comprometendo os líderes nas várias funções, incluindo a liderança sacramental. Este é um modelo contextualizado, por isso não pode ser exportado como tal. O princípio é de que cada comunidade deve buscar o seu caminho.

4. Tarefas da Consulta

A consulta foi desafiada a trabalhar no desenvolvimento de princípios que ajudassem a Comunhão Anglicana durante a próxima fase das revisões e trabalho de renovação da Liturgia. Os temas sugeridos para discussão em cinco grupos, foram os seguintes:

a) Ministério, Ordem e a Eucaristia

Os temas eclesiológicos, isto é, a relação da Eucaristia com a Igreja universal e com a Igreja local e as implicações desta relação para a prática: Quem pode participar? Quem pode ministrar? Quem pode presidir? Até que ponto a Eucaristia pode ser ampliada? Como pode ser partilhada no contexto ecumênico?

b) Ritual, Linguagem e Simbolismo

A natureza simbólica da assembléia eucarística e o simbolismo inerente da ação eucarística; as implicações do simbolismo no uso do espaço, iconografia, inculturação, inclusividade, vestes, gestos e outras ações rituais; os componentes essenciais da Eucaristia, seu caráter simbólico, e a significação dos símbolos e sua relação com os contextos culturais.

c) A Estrutura da Eucaristia

A estrutura total do rito, bem assim como a estrutura da oração eucarística; a função da estrutura para conservar a tradição e até que ponto esta tradição pode, responsabilmente, ser ampliada; modelos possíveis e propostos de orações eucarísticas comuns; revisão das linhas gerais de orientação propostas por Lambeth - 1958 para as revisões da liturgia eucarística das Províncias.

d) Teologia Eucarística

O desenvolvimento de uma teologia eucarística abrangente, dentro de uma estrutura ampla da Igreja e dos Sacramentos, incluindo as dimensões escatológicas do mistério pascal e éticas, dentro das quais os pontos tradicionais de tensão no anglicanismo serão tratados. Por exemplo, o papel do Espírito Santo, o Ofertório, a Consagração, Sacrifício e Presença Real.

e) Educação e Espiritualidade (Renovação da Eucaristia)

A educação litúrgica para a renovação eucarística na prática e na espiritualidade, os recursos disponíveis e exigidos e os currículos elaborados para realização de programas de capacitação litúrgica.

5. Relatórios dos Grupos (Uma Síntese Provisória)

GRUPO I - MINISTÉRIO, ORDEM E EUCARISTIA

Primeiramente, foi buscada a tentativa de definição de uma igreja local, onde a participação na Eucaristia deve ser algo essencial. A segunda questão foi a do entendimento do Batismo, como pré-requisito para participar da eucaristia ou não. A terceira questão foi a respeito dos ministérios eucarísticos, destacando-se o

assunto da presidência leiga da eucaristia. A questão final incluiu a discussão dos aspectos ecumênicos e o intercâmbio de ministérios.

A Igreja de Deus é a celebrante da Eucaristia; mesmo o menor grupo de cristãos forma a igreja local, quando escuta a Palavra de Deus e celebra os sacramentos, juntamente com o seu Bispo, ou aquele cuja presidência é entendida pela comunidade e por seu bispo. Cristo convida toda a humanidade para participar do Reino de Deus, do qual a Ceia é o sinal escolhido. A missão da Igreja envolve o atrair a todo o povo para ouvir a Palavra de Deus, interceder pela salvação do mundo, oferecer louvor e ação de graças e partilhar da comunhão eucarística. O grupo reafirmou a declaração da Consulta Internacional de Liturgia de Toronto, Canadá, de que os não batizados que se aproximarem da comunidade, devem ser encorajados a comprometer-se com Cristo por meio do Santo Batismo.

A renovação litúrgica, expressa nos vários Livros de Oração Comum na Comunhão Anglicana, mostram uma pluralidade de ministérios. Entre estes, a Presidência Eucarística é a expressão litúrgica de uma liderança pastoral autorizada pela comunidade, e não deveria ser dela separada.

Tratando sobre a variedade de ministérios, o grupo estudou a questão da presidência e as funções litúrgicas na assembléia como um todo, em que os ministérios individuais, nela, devem ser bem clarificados. Exemplos: os que são realizados em nome do Corpo (retirar as ofertas de dinheiro) e aqueles que surgem a partir de um dom especial e particular (o canto).

Avançando mais, o grupo debateu e avaliou o ministério dos diáconos, dos presbíteros e bispos. Os diáconos são responsáveis por coordenar e estimular os ministérios da Igreja, no mundo e na assembléia litúrgica. Não devem assumir funções que pertencem a outros. Da mesma forma, bispos e presbíteros existem para liderar a comunidade no seu ministério sacerdotal e profético no mundo, por isso cabe a eles presidir às liturgias. O grupo também sentiu necessidade de dizer alguma coisa a respeito de "Concelebração" e o que deveria ser feito, quando não há um presbítero ou um Bispo para presidir a Eucaristia. Debateu sobre a elaboração, no documento final, de uma breve nota sobre a distribuição dos elementos consagrados e as várias funções que são permitidas nas Províncias e Regiões.

GRUPO II - RITUAL, SIMBOLISMO E LINGUAGEM

Sua discussão foi sobre a Eucaristia, como o local onde os cristãos se encontram uns com os outros. Debateu-se a questão da linguagem, a liturgia, o ritual e simbolismo, e, de modo especial, a linguagem do tratamento de Deus e a inclusão de simbolismo e imagens femininas sobre Deus.

As fontes e os limites destas imagens foram parte das discussões. Também o foram a visão da Eucaristia como "refeição" e o que o "pão comum" significa, em contextos particulares. Debateu-se, ainda, a relação da Eucaristia com a cultura local. Outras questões foram sintaxe e vocabulário, gestos, espaço e local das orações extemporâneas na Eucaristia e também a arte na liturgia. Duas áreas fundamentais nortearam a discussão do grupo: a comunidade, seu ritual e o caráter de sua reunião e a questão da justiça.

A Eucaristia significa a reconciliação da humanidade em Cristo. Todos receberam o único e mesmo dom da mesa comum, quer sejam os poderosos ou os necessitados, ricos ou pobres, brancos ou negros.

Em acréscimo à linguagem verbal, o grupo identificou a linguagem da música, a linguagem do silêncio (na qual o povo precisa de ajuda, para melhor utilizá-la), bem assim como a linguagem do corpo e do movimento/gesto. As origens da Eucaristia como refeição foram reconhecidas e a possibilidade de outro alimento que não o pão e o vinho foi tida como algo aberto para discussão, embora se entenda a forte resistência existente, mesmo no grupo.

A forma da mesa da Eucaristia e a prática do lavabo foram consideradas importantes. Também algo muito pouco valorizado e não menos importante é o espaço físico, não esquecendo que o símbolo principal é a própria assembléia do povo reunido. O espaço precisa expressar, tanto as dimensões comunitárias, como transcendentais. A localização das pessoas e dos objetos é também significativa. O povo deve ser capaz de ver e ouvir toda a liturgia e identificar-se com a ação. Houve uma preocupação em enfatizar espaço, corpo, movimento, música, as palavras da liturgia e o silêncio, sob o título geral de Ritual. Também buscou-se estruturar, no documento, toda a discussão da Eucaristia como refeição, seguida de uma sessão sobre a

Eucaristia em relação à justiça. O que afirmou-se é que, no contexto da adoração, as coisas comuns tornam-se instrumentos da graça divina, lembrando que uso do corpo é parte integral da liturgia, pois nossos corpos são instrumentos também da oração. Gesto, postura e vestimentas foram examinadas muito ligeiramente. O uso da música, como fator de unidade de toda a congregação, é algo muito importante.

As palavras da liturgia deveriam incluir uma completa e variada expressão de imagens bíblicas para descrever Deus, e, também, fazer uso de linguagem contemporânea, incluindo a imagística feminina e imagens de Deus que possam ir além dos símbolos tradicionais de poder e transcendência. O cálice comum e o pão, na refeição eucarística, foram discutidos amplamente. Historicamente, o símbolo do pão de trigo e o vinho de uva têm sido o símbolo da Eucaristia, mas a possibilidade, em casos excepcionais, de usar outro tipo de alimento foi examinada. A parte final do documento oficial, por insistência dos delegados do Brasil e do Quênia, tratará das questões relacionadas com o mundo - em especial, os problemas da justiça.

GRUPO III - A ESTRUTURA DA EUCARISTIA

O grupo preocupou-se com as questões teóricas e de como a estrutura funciona e nos modela. Também abordou a questão multidimensional, incluindo espaço e música e não somente a sequência dos eventos. A questão que se levanta é se determinamos a estrutura ou apenas a herdamos. A estrutura litúrgica permite ou limita a nossa liberdade? O estudo das estruturas, em questões amplas de macroestrutura, discutiu, por exemplo, a integridade da liturgia, da palavra em relação com o rito da mesa; e também examinou as questões em menor escala, ou de microestrutura. A pergunta que permanece é: quais as implicações da estrutura na oração eucarística, para o Rito como um todo? Nas questões de microestrutura houve oportunidade para conversar sobre rito de entrada, a assembléia dos fiéis, a preparação da mesa, a comunhão, os avisos, etc. Também debateu-se a questão da Oração Eucarística e seu papel como declaração de fé, vis-a-vis com afirmações credais. Abordou-se o tema das despedidas dos catecúmenos, e o lugar das crianças dentro da estrutura da Eucaristia. Questionou-se se as Orações do Povo (Intercessões) constituem um componente estrutural, em si, ou se são parte de uma outra estrutura.

A Igreja é construída pela forma como que ela ora. Isto inclui, mas não se limita, às formas previstas pelas estruturas litúrgicas da Igreja. Estas estruturas existem interdependentemente da ampla ação litúrgica da Igreja, provendo uma estrutura para que o povo de Deus possa participar com os seus dons individuais, assegurando que os componentes da adoração sejam usados de forma apropriada e equilibrada, promovendo a unidade da comunidade adoradora, provendo uma base para a unidade de uma comunidade para a outra e prevendo uma estrutura em que a flexibilidade e as variações locais possam ser experimentadas.

Desde os primitivos tempos cristãos, existiu uma estrutura básica para a assembléia litúrgica. Recentemente, a tradição anglicana, a herança patrística e a convergência ecumênica tenderam a solidificar um padrão, um modelo. Esta estrutura é composta de: Reunião do Povo de Deus, Proclamação e Recepção da Palavra de Deus, Orações do Povo, Celebração da Mesa do Senhor e Despedida para a Missão como Povo de Deus (envio).

(ver Anexo 01)

Trabalhou-se em cima do padrão acima descrito, incluindo a necessidade dos elementos batismais na reunião do Povo de Deus, e sugeriu-se que a oração do Pai Nosso poderia ser uma conclusão apropriada para as Orações do Povo (Intercessões).

Debateu-se a estrutura da Oração Eucarística e sua unidade, questão da mudança de postura, o lugar da narrativa e a necessidade do envolvimento de toda a assembléia. Cresce a sugestão do uso mais frequente do silêncio antes da Despedida do Povo. Examina-se o lugar das crianças e dos catecúmenos, as diferentes tarefas do presidente nas várias partes do Rito.

GRUPO IV - A TEOLOGIA EUCARÍSTICA

Examinou-se temas como sacrifício, memorial, etc, mas percebeu-se que tais temas aparecem de forma diferente, conforme a visão do contexto. Os temas foram examinados em relação ao rito, como um todo, e

não somente em relação à Oração Eucarística. Também estudou-se a relação dos temas teológicos e a missão. Os temas foram agrupados em quatro grupos:

Ação de Graças/Bênção; Teologia Trinitária; Lembrança/Memorial e Criação/Eschatologia.

Examinou-se a importância da Ação de Graças a partir das formas de oração judaica, essencialmente como uma resposta ao que Deus fez e em relação bem próxima com a criação, a redenção e a promessa. Explorou-se também a relação entre ação de graças e bênção. Tentou-se caminhos para saber como podemos expressar uma teologia trinitária a respeito de Deus na Liturgia e enfatizou-se que deveríamos explorar melhor a elaboração de orações eucarísticas, mais especificamente trinitárias. Na questão de Lembrança/Memorial evitou-se os debates costumeiros sobre o assunto. Nossa caminhada deve dirigir-se para um novo estágio, pois vivemos um novo contexto e, conseqüentemente, com tarefas apologéticas diferentes. Surgiram três linhas de pensamento: a primeira, olhar o contexto apologético e explorar de que maneira o cristianismo chega para uma cultura religiosa (como a cultura africana, por exemplo) e o que significa o nosso conceito de memorial para ela. Numa cultura secular, existem fontes na antropologia social que nos convidam a examinar como a linguagem a entende de seu ponto de vista. Segunda linha: precisamos perguntar o que nós entendemos por “sacrifício de louvor” e o que significa olhar a Eucaristia como um sacrifício de louvor, ações de graças e súplica. A questão sobre Memória exige a nossa atenção sobre o trabalho da psicanálise e a “cura das memórias”. Como cristãos, temos de explorar o modelo psicanalítico, mas é na Anamnese (memória) de Cristo, que encontramos a nossa fonte de cura para a memória. A memória do sofrimento é outra dimensão do assunto, bem como a maneira pela qual as pessoas têm tratado a morte violenta de alguém da congregação, num dado momento de sua história.

Como encontrarmos nexos entre a experiência contemporânea e a tradição, de forma mais atualizada? Também o grupo se deteve na maneira como a linguagem das palavras funciona e de como precisamos recuperar o caráter metafísico da linguagem litúrgica. Ela deve ser evocativa. Como cristãos, extraímos nossa doutrina da criação, da escatologia. Na Eucaristia, a Igreja é um microcosmos da criação e como a criação, canta o louvor a Deus. A Eucaristia é também uma doutrina manifesta na humanidade, doutrina de igualdade, e de que todos têm a mesma dignidade diante de Deus. A Eucaristia é um sinal da nova criação de Deus em Cristo.

O Santo Batismo aponta para a nova criação, a Eucaristia pré-figura a Festa do Reino e celebra as reivindicações escatológicas do pobre e do oprimido. Ressaltou-se também a necessidade de que a oração eucarística reflita uma teologia trinitária e deva incluir, na oração, partes específicas dirigidas a respectivas pessoas da SS. Trindade. O elemento de Ação de Graças pertence ao todo do Rito Eucarístico. No que diz respeito à teologia do sacrifício, conclui-se que sacrifício, tendo em vista as bases bíblicas, não pode ser limitado a um modelo particular. A teologia cristã mudou radicalmente o conceito de expiação, porque a noção pagã de acalmar a fome do “deus” foi alterada pela noção de que expiação é, de fato, uma ação da iniciativa de Deus Misericordioso. Somente sobre este pano de fundo é que a discussão do sacrifício eucarístico pode ter lugar. Quando falamos de sacrifício na Eucaristia, fica claro que não estamos falando ou nos limitando a momentos específicos, como o ofertório e a consagração. A linguagem propiciatória foi transformada no discurso cristão e a propiciação primordial para o cristão é o trabalho sacrificial de Cristo na cruz. Sobre “memorial”, o grupo tentou captar alguns elementos da memória, como algo que precisa ser resgatado num contexto cristológico. O memorial eucarístico não é uma ação mental nossa, própria, como indivíduos, mas é algo que também foi começado por Deus e é uma ação corporativa de toda a comunidade.

A abordagem da criação, recriação e escatologia foi feita de uma maneira trinitária. Na Eucaristia, há uma espécie de microcosmo da criação, que nos chama a uma responsabilidade pela criação e ao mesmo tempo manifesta o valor dos seres humanos como filhos e filhas de Deus, fortalecidos por meio da ação amorosa de Deus. Isto nos afirma uma verdade missionária. Assim unimos a criação, nova criação e a promessa do Reino, que inclui a libertação do oprimido. O tema da justiça é parte do tema da criação.

GRUPO V - RENOVAÇÃO LITÚRGICA

Esta seção estudou a redescoberta do contexto comunitário da adoração, a necessidade que os elementos de espaço sirvam à comunidade, o fato de que a comunidade adoradora inclui crianças e adultos, as questões sobre liturgia e cultura, os símbolos e a necessidade de que estes façam a exegese de si mesmos, o lugar fundamental da música na adoração, a música, da ortodoxia do texto para a estrutura, o fato de que a criatividade e a flexibilidade são encontradas muitas vezes entre os marginalizados, a necessidade do planejamento litúrgico pela comunidade, sua educação e preparação para esta tarefa e questões sócio-econômicas.

Recomenda-se que se discuta com mais profundidade a relação entre espiritualidade e a Eucaristia, a questão de nossas orações pelos inimigos, a relação entre o pão da Eucaristia e o pão que alimenta os pobres, e também o lugar do Rito simplificado, na celebração eucarística diária.

A Igreja é chamada a restaurar a todo o povo de Deus na unidade com Deus e entre si, em Cristo. Isto necessariamente nos remete a temas como alimento, abrigo e inclusividade. A Eucaristia é a expressão do reino e meio para sua realização. A Igreja tem necessidade de renovação. Todos somos participantes e estamos envolvidos na missão e ministério. A renovação da liturgia eucarística deve respeitar a enorme tradição que tem sua raiz no Evangelho e tomou várias formas no decorrer do tempo.

Como anglicanos, a nossa identidade litúrgica estava no Livro de Oração Comum; hoje é mais aceitável que seja uma estrutura do Rito. Nossa herança do passado deve refletir-se à luz das responsabilidades atuais para com o Evangelho. A assembléia litúrgica cristã como Corpo de Cristo é, em si, “o celebrante” da adoração. Todas as liturgias servem para formar a comunidade eucarística. A adoração da assembléia tem a ver com todos os sentidos humanos. As palavras e ações devem ser conhecidas por todos os participantes.

A comunidade cristã reúne-se, semanalmente, para ensaiar o Reino de Deus, de justiça e de paz. A liturgia precisa ser construída de tal maneira que seu significado e importância sejam apreendidos, imediatamente, por todos os participantes. Uma espiritualidade sadia brota do compromisso da congregação com a adoração e a missão. A comunidade é o lugar da formação. A comunidade está já envolvida na missão, por seu engajamento na adoração.

O modelo “clericalista” de liderança não funciona mais. A liderança deveria ser informada das mudanças que acontecem. Os recursos permanentes para uma educação contínua são necessários para facilitar a mudança; são necessárias estratégias congregacionais para mudança, e os estudos de liturgia devem ser reconhecidos como um dever e um direito. As congregações devem desenvolver-se em direção a uma maturidade e não a uma dependência “sacerdotal”.

Precisamos redescobrir e recuperar a história da salvação, o aprendizado da oração e o apoio mútuo. A renovação não deveria ser um exercício privilegiado do clero, mas o desenvolvimento do desejo do povo. Ao final tentou-se enumerar alguns princípios: a renovação da liturgia eucarística na Igreja deve honrar a tradição encontrada no Evangelho. A nossa herança do passado deve estar refletida à luz de respostas atuais aos desafios do Evangelho. A espiritualidade anglicana é uma espiritualidade litúrgica, mas, ao mesmo tempo, os anglicanos possuem uma variedade de formas de apropriar a fé comunitária em bases individuais. A assembléia cristã como Corpo de Cristo é, em si, celebrante da adoração eucarística.

Este modelo requer uma eclesiologia batismal. Todos os vários ministérios existem para servir a toda a comunidade, o que inclui os batizados de todas as idades. A assembléia eucarística valoriza e utiliza os dons de todo o povo de Deus e envolve todo o corpo humano com todos os seus sentidos. A palavra lida e cantada deveria ser relevante e acessível aos participantes. A assembléia partilha e recebe hospitalidade. A adoração autêntica deveria estar mergulhada, profundamente, na cultura do povo. O ato principal da adoração, no domingo, é a Santa Eucaristia quando a comunidade reúne-se para celebrar a vinda do domínio da paz, da justiça e do amor de Deus. Um processo organizado e regular de formação, além da liturgia, mas a ela integrado, deveria envolver os novos membros. Uma espiritualidade cristã saudável brota do compromisso da congregação com a adoração e com a missão de Deus no mundo, que envolve a cura de toda a criação. Isto irá exigir recursos educacionais e humanos. A Igreja precisa de líderes que possam promover a renovação e que sejam preparados teologicamente para esta tarefa.

NOTA - Cada um dos cinco grupos preparou um “draft” (rascunho) de seus relatórios que, após apresentados em plenário, receberam os comentários, as emendas e a colaboração de todos. Ao final da consulta, foram entregues ao Grupo Coordenador, para processar a redação final e promover a circulação ampla na Comunhão Anglicana. Ao lado de todos os relatórios, um grupo especial de trabalho sintetizou toda a Consulta em um texto com “Princípios e Recomendações” (ver Anexo 02).

6. Outras Informações

O atual Grupo Coordenador da Consulta ficou assim constituído, após as eleições pelo plenário: Rev. Donald Dowling (Austrália) - Coordenador; Revmo. Arcebispo Brian Davis (Nova Zelândia); Rev. Solomon Amusman (Nigéria); Revmo. Bispo Collin Buchanan (Inglaterra); Irmã Revda. Jean Campbell, OSH (EUA) e Rev. Paul Gibson (Canadá) - Coordenador de Liturgia do ACC.

Temas sugeridos para a próxima Consulta: Ordenação, Ofício Diário, Ministério. Os temas ficaram sobre a mesa para posterior decisão do Grupo Coordenador.

O Bispo Collin Buchanan sugeriu que é importante que a Consulta tenha oportunidade de auxiliar a Conferência de Lambeth, na organização da agenda sobre Liturgia. Solicitou que os membros da consulta encorajem seus bispos a levarem para Lambeth seus materiais litúrgicos locais. O Arcebispo Davis chamou a atenção de que as reuniões regionais Pré- Lambeth ocorrerão, em sua maioria, em julho de 1996. Aí será a data e o momento apropriado para serem levadas propostas aos bispos.

Também os membros latino-americanos presentes a Consulta, em reunião informal, começaram a encaminhar a possibilidade de uma Consulta Latino-Americana de Liturgia, à semelhança de duas já realizadas pela África. Nós, encarregados pelo grupo, encaminhamos correspondência aos Primazes, solicitando seu apoio para esta reunião. Já temos contatos feitos, visando um suporte financeiro que a possibilite. A mesma já tem também o apoio da Coordenação da Consulta Internacional.

Também na plenária de negócios, a Consulta voltou a reafirmar a sua composição; os participantes da Consulta serão:

- a) Os escolhidos e indicados por suas Províncias para representá-las;
- b) Os membros das comissões provinciais de liturgia;
- c) Os membros anglicanos da “Societas Liturgicas” (Academia Internacional de Liturgia);
- d) Outros, que a comissão organizadora convidar.

A Comissão organizadora informará a todas as Províncias sobre a data e temário da próxima Consulta Internacional de Liturgia.

Porto Alegre, setembro de 1995.

Festa de Jerônimo, Presbítero e Monge em Belém.

Deão Orlando Santos de Oliveira

Delegado Provincial à 5ª Consulta Internacional de Liturgia

Estrutura Básica da Assembléia Dominical

1. Reunião do Povo de Deus - O Povo de Deus reúne-se como uma assembléia, para aproximar-se de Deus, e celebrar a nova vida em Jesus Cristo.
2. Proclamação e recebimento da Palavra de Deus - As Escrituras são lidas e a Palavra de Deus é proclamada em canto, silêncio, meditação, pregação e responso.
3. Orações do Povo (Intercessões) - O Povo de Deus, como sacerdócio real, intercede pelo mundo, a Igreja, a comunidade local e todos em necessidade.

4. Celebração na Mesa do Senhor - A assembléia oferece louvor e ações de graças sobre o pão e o vinho e partilha do Corpo e Sangue de Cristo.

5. Despedida e Envio como Povo de Deus (Missão) - A assembléia espalha-se e dispersa-se para uma vida de fé e serviço no mundo.

O que é importante?

(1) Indispensável

(2) Parte integrante, mas não indispensável

(3) Parte que, em princípio, não pode ser omitida, mas cuja presença pode ser limitada ou mudada de acordo com a Quadra Litúrgica (variar de acordo com a quadra litúrgica)

(4) Parte, em princípio, não necessária, que pode ser incluída e até desejável, em alguns casos.

* o asterisco indica quais são os componentes essenciais ao Rito, mas muitas vezes vem colocado em outra posição.

I - REUNIÃO DO POVO DE DEUS

Saudação 1

Rito Penitencial * 1

Canto ou Ato de Louvor 1

Oração de Abertura (Coleta do Dia ou Quadra) 1

II - PROCLAMAÇÃO E RECEBIMENTO DA PALAVRA DE DEUS

1ª Leitura 1

Salmo 2

2ª Leitura 2

Evangelho 1

Sermão 1

Credo 3

Silêncio, Cânticos e outros responsos * 2

III - ORAÇÕES DO POVO (Intercessões)

Intercessões 1

Pai Nosso * 1

Saudação da Paz * 1

IV - CELEBRAÇÃO NA MESA DO SENHOR

Preparação da Mesa 1

Oração sobre os dons 4

Oração Eucarística (Anáfora) 1

Silêncio 1

Partir do Pão 1

Convite para a Comunhão 2

Comunhão 1

V - DISPERSÃO DO POVO DE DEUS (Missão)

Silêncio 1

Hino 4

Oração de Pós-Comunhão 4

Bênção 4

Despedida 1